

## ENCONTROS E PASSAGENS: PRODUZIR CORPOS NUM MESMO CORPO

Juliana Araújo

**Resumo:** Poderiam os encontros ativar nos corpos uma potência maquínica de refazimento? Conduzida por essa pergunta, a narrativa que propomos apresentar pretende problematizar a produção de corpos feitos e refeitos nos encontros. Ela foi construída a partir da experiência da autora como profissional de um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) – serviço de saúde mental da rede pública. Cunhamos uma denominação provisória, corpo-terapeuta – que aqui pretendemos explorar. Compreendemos que os corpos encontram-se, sendo eles corpos (como entendemos o corpo humano) mas também corpos sonoros, aromáticos... Na clínica cotidiana de um CAPS recebemos crianças e adolescentes que gritam, cantam, ficam em silêncio, batem, cospem, beliscam, correm e que, por estas ações se comunicam, se expressam... Desta forma, os corpos dos terapeutas trabalham imersos num campo sensível e sensorial, de contatos intensos, e tem a necessidade de lidar e trabalhar com estas formas de expressão. Por narrativas de cenas cotidianas, pretendemos pensar sobre os processos de constituição desses corpos-terapeutas. Entendemos que ao se encontrarem tais corpos sofrem afetações mútuas, mas singulares. E que no fazer clínico (nas ações que no encontro podem potencializar as vidas), há o refazimento dos corpos para que possam se afetar e encontrar modos singulares de comunicação, cooperação e convivência. Tanto os corpos das crianças e adolescentes quanto das profissionais sofrem interferências e transformações em seus modos de falar, de sorrir, de olhar, de estar perto, de tocar.

**Palavras-chave:** Encontro; corpo; clínica.

Clínica é encontro de corpos, de linguagens, de cheiros, de intensidades. É corpo afetando-se e deixando-se afetar pelo outro, por presenças diversas que agregam diferenças nos modos de ser. O encontro é o que move os corpos a produzirem um “estar junto”, certa possibilidade de convivência nas diferenças que se apresentam. O encontro retira-nos do pronto, do que já estamos acostumados e do que, às vezes, acreditamos já conhecer e, portanto, somente reconhecer no outro. Reconhecer movimentos estereotipados, falas desarrazoadas, simulações, etc., etc., etc. Ele nos arrasta para outro lugar, junto com o outro corpo, ou corpos presentes. E vamos, assim, nos tecendo outros.

No Centro de Atenção Psicossocial trabalhamos com crianças e adolescentes que se expressam corporalmente e verbalmente, cada um ao seu modo. Elas gritam, cantam, ficam em silêncio, batem nos outros, batem e si mesmas, cospem, beliscam, correm, paralisam. Os corpos dos terapeutas trabalham imersos num campo sensível e sensorial, de contatos corporais e afetivos intensos, no qual é necessário estar sempre produzindo uma invenção de ferramentas para o trabalho.

### Cenas Cotidianas

**Um menino chega ao CAPS e fica escondido atrás das paredes e portas, não conversa conosco, cheira muito mal, e vem trazido pelo pai com muitas expectativas sobre a melhora do filho. Vamos tentando nos aproximar, esboçamos conversas, oferecemos nossa presença silenciosa, buscamos jogos de olhares, compartilhamos um lanche do serviço etc...**

Estratégias de estar em contato. Alguns profissionais pensam em como estar junto, outros afastam-se por não suportar o mau cheiro, o silêncio.

**Em meio a um grupo, uma menina começa a colocar a mão na boca e gritar, abraça com força terapeutas e adolescentes, empurra-os, diz palavras que parecem não existir junto a sílabas “nha nha nha” “dai dai dai”. Menina que em casa, conversa com seus familiares, mas que no CAPS permanece em silêncio. Ela vai para debaixo da mesa, quer colocar os dedos na tomada, ri sem parar e passa a mão em seu corpo.**

Momentos como esse acontecem frequentemente convocando os profissionais a organizarem sua presença (seus afetos, suas ferramentas, técnicas...). São momentos que exigem a organização do pensamento, de modos de tocar, de acolher os modos de expressão que encontram.

**Um adolescente bate em seu corpo até ficar todo machucado, com feridas abertas, constantemente. Passa cuspe em seus ombros, aperta uma perna contra a outra até que fiquem avermelhadas. Seu corpo cheira a cuspe. Busca nosso corpo para também fazer uma fricção, para continuar machucando-se. Quase não consegue ficar com roupa, emite alguns sons.**

Seguramos seus braços? Fazemos massagens? Medicamos? Usamos objetos e técnicas de contenção? Borbulham-se ideias para poder operacionalizar ações junto a ele. Alguns profissionais ficam mais próximos dizendo não ficarem incomodados com os gestos do adolescente, outros tem dificuldades com as feridas, etc.

Como preservar a potência do corpo de refazer-se nos encontros diante de tanta diversidade de modos de ser, e produzir relações potentes e de contágio entre os terapeutas e as crianças e adolescentes?

Na perspectiva de que as mudanças que vêm sendo propostas na atenção em saúde mental pautam-se em transformações nos modos de pensar a diferença e relacionar-se com a experiência que é “nomeada” como loucura ou sofrimento psicossocial, pensamos ser fundamental olhar para essa dimensão menor, onde o trabalho se realiza: o encontro entre corpos e a possibilidade dos profissionais instaurarem movimentos de refazimentos de si, a cada encontro, diante de cada singularidade.

O trabalho dos terapeutas constitui-se como um trabalho afetivo. E este tipo de trabalho exige uma construção de corpo e de presença. Eliane Dias Castro, ao discutir as relações entre terapeuta-paciente na Terapia Ocupacional, escreve:

Nos momentos iniciais dos atendimentos estão envolvidos também, vários aspectos relacionados à pessoa do terapeuta: a corporeidade, os sentidos, as percepções, as formas de expressão, a organização da escuta, os cuidados com os tempos e os espaços, as observações, as proposições teóricas e práticas, as experiências culturais, sua história de vida – são matérias da experiência de vida que conferem qualidade nesses gestos fundantes da relação terapeuta-paciente (CASTRO, 2005, p. 16).

Há uma indiscernibilidade entre trabalho e vida. Como as ferramentas de trabalho dos terapeutas são seu próprio corpo, seu modo de se comunicar, sua história, seu modo de tocar no outro... pensar o corpo-terapeuta em ato é também pensar uma formatividade corporal para além do tempo e espaço de serviço. Neste sentido, torna-se importante aos mesmos, poderem viver processos de cuidado e investida em si mesmos.

Os corpos estão imersos em ambientes formativos, produzem-se a partir de regimes de pensamento, de possibilidades de experiências, da disciplina, das imagens que recebemos do campo da estética, da afetividade... Regina Favre (2010) coloca o quanto os ambientes atuais, embebidos da lógica capitalista, desrespeitam qualquer ritmo que não o do mercado. Através

do uso das imagens e da comunicação, o mercado coloca-nos cotidianamente imagens de inclusão e de exclusão. Produção de ambientes perversos e não confiáveis, que moldam também as possibilidades de afetação dos corpos.

Há uma multiplicidade de experiências e encontros possíveis no contemporâneo, que possibilitam agenciamentos potentes para a vida, que acolhem as intensidades, bem como há aqueles que possibilitam este cenário de produção de afetos tristes. O corpo é chamado constantemente a realizar certas seleções, na medida do que se pode, em proveito de fazer vingar fabricações potentes de si. Territórios coletivos nos quais os agenciamentos afirmem a força da vida. Deleuze, ao pensar sobre a dificuldade de se realizar estas seleções, dirá que elas são extremamente difíceis e duras.

É que as alegrias e as tristezas, os aumentos e as diminuições, os esclarecimentos e os assombreamentos costumam ser ambíguos, parciais, cambiantes, misturados uns aos outros. E sobretudo muitos são os que só podem assentar seu Poder na tristeza e na aflição, na diminuição de potência dos outros, no assombreamento do mundo: fingem que a tristeza é uma promessa de alegria e já uma alegria por si mesma. Instauram um culto da tristeza, da servidão ou da impotência, da morte. Não param de emitir e impor signos de tristeza, que apresentam como ideais e alegrias às almas que eles mesmos tornam enfermas (DELEUZE, 1997, p. 163).

Poder experienciar os encontros, os afetos vividos através do contato com vidas tão singulares produz movimentos de passagens pelos corpos-terapeutas. Passagens de maior a menor potência, de alegria e de tristeza. Com cada criança/adolescente que se encontram vivenciam possibilidades de se comunicar, dificuldades em construir linguagens, vivenciam toques suaves, brincadeiras e dores (dos beliscões e mordidas). Um trabalho recheado de passagens, de afetação que coloca os corpos em ativação.

Contudo, torna-se fundamental que os terapeutas possam atentar-se a essas flutuações de modo a permitirem-se ser esses corpos de passagem que, num mesmo dia, pode ser múltiplo. Vivenciar este corpo de passagens, como aquele que se fabrica nos encontros e pelas diferenciações de seu grau de potência em sua dimensão de fabricação de si, é atingir uma certa coletividade ao realizar conexões com as intensidades de um campo comum. É estar em contato com aquele outro que ali se encontra, com sua força, seus cheiros, seus movimentos. Despir-se de neutralidades, e assumir-se enquanto múltiplo e necessariamente, em profunda relação.

Então, não seria esse corpo de passagens um modo de maquinar?

Guattari escreve sobre uma concepção interessante de máquina, ele coloca que as máquinas produzem agenciamentos maquínicos para aquém e além da própria máquina, incluindo um ambiente maquínico. A máquina tem por essência procedimentos de desterritorialização, que envolvem seus elementos, seu funcionamento e as relações de alteridade. Para o autor, não há oposição entre ser e a máquina, pois o ser diferencia-se qualitativamente pela própria criatividade dos vetores maquínicos. A máquina tem uma dimensão autopoietica que faz com que ela mesma seja autoprodutora de si, o elemento do Núcleos maquínico São as relações de afetos ou praticas. As relações de afeto, para ele, constituem o vivo. Assim, pensamos que o encontro entre corpos funciona como uma certa maquinação capaz de transformar os mesmos, instaurando, assim, um potencial clinico ao trabalho.